

BRASIL-PORTUGAL

1 DE NOVEMBRO DE 1904

N.º 139

Conselheiro José Luciano de Castro



Presidente do Conselho de Ministros

Kodacs ministeriaes

José Luciano de Castro

Chefe do partido e primeiro chefe do gabinete. O segundo é o sr. Antonio Cabral. Presidente do conselho sem pasta preside a todas as pastas. Tactico experimentado, converteu o seu quarto de doente em quartel general da politica. Para dirigir a guerra franco-allema Bismark não precisava de sair do seu gabinete. O sr. José Luciano não precisa de sair da sua alcova para dirigir o paiz. Pode a caricatura apossar-se d'este caso, entre nós inedito, mas como não ha medalha sem reverso, a critica tem o dever de se curvar. Esta excepção é uma homenagem. Esta homenagem é uma justiça. Impôl-a o chefe do Estado, applicando-a. Aceitando-a sem protesto, a nação confirmou-a. Resta aguardar os acontecimentos para verificar se uma cabeça basta para governar um paiz que parece não ter pés nem cabeça.

Pereira de Miranda

No dia em que entrou nos conselhos da corôa deveria içar a sua bandeira e cobrir se de galas todo o commercio portuguez. E' que esta ascensão de um homem era a glorificação de uma classe. Honrara-a em tempo no governo Saraiva de Carvalho — um grande tribuno: hoje coube a vez a Pereira de Miranda — um grande homem de bem. Não houve imprecações que contra os governantes não lançassem os negociantes de Lisboa quando um governo lhes fechou as portas da Associação Commercial. Que dirão elles agora vendo abrir-se para a sua classe as portas de outro governo?

E, o que é mais, sem esse elemento o governo não existiria. Foi o commercio que consolidou o governo do paiz: foi a bandeira da paz que congregou as hostes dispersas.

Dá se com este homem um caso singular; quando todos os portuguezes são pretendentes a ministros, elle só pretendeu toda a vida... não o ser. E o que não fez nem a ambição, nem a compe-

tencia, nem a vaidade... fêl-o a dedicação. Se o titular do reino deixará vestigios solidos da sua passagem pelo poder não o sabemos; mas que elle deixa um alto exemplo, e a benefica recordação de uma excepcional virtude civica, é certo. E que isto basta para enaltecer-lhe o nome, mais certo ainda.

José Maria d'Alpoim

N'uma mão sempre a pasta e n'outra a penna, eis a divisa gravada ha muito no nobre escudo do solar da liêde. A unica differença que se nota entre as mãos do ministro e as do epico é que, se o creador dos Lusíadas manobrava ao mesmo tempo a penna e a espada, o creador dos notarios, enquanto descança a mão que empunha a penna, com a outra... não tem mãos a medir. E, honra lhe seja, o sr. Alpoim é o mais laborioso, o mais movimentado de todos os ministros da corôa. A pasta que estiver na sua mão, ainda que seja a da justiça, ainda que fosse a dos estrangeiros, é... a mais mexida. E' que elle ouve todos, attende a todos, serve a todos... sem excepção dos inimigos. D'ahi o exercito dos partidarios. Prova real: 1.800 telegrammas de felicitações, quando subiu a ministro. Ser jornalista de pulso é uma força, ser tribuno eloquente é outra, mas estas duas forças n'um prato da balança e a de crear adeptos no outro, e, não resta duvida, é para este lado que a balança se inclina. Com qualquer d'estas forças, se vae longe. Dispondo de todas ellas forçosamente se hade tocar a meta. O sr. Alpoim faz a segunda estação pela pasta da justiça.

Manuel Affonso Espregueira

Barba branca, garridamente aparada, testa recuando a deixar livre o deposito das idéas claras que tem, um meio sorriso sempre prompto, um olhar doce que prende — eis o lineamento geral do antigo parlamentar, que, no dizer indiscreto dos periodicos, nasceu em 1835.

Com uma larga experiencia dos homens e das coisas, o novo titular da pasta da fazenda teria todos os requisitos para nos representar na diplomacia: figura que se impõe, afabilidade, illustração, finura, e uma voz *ad hoc* — a voz mais apropriada para fazer cócegas na paciencia dos mais espertos diplomatas. Se a palavra foi dada ao homem para esconder os seus pensamentos, a palavra do



O regimento de caçadores 5



Praça de armas. — Galuchos na instrução

illustre ministro foi-lhe mercê de Deus para embrulhar todos os filonios de ouvido apurado.

Embarca pela segunda vez no velho galeão da fazenda, que bem precisa da sua grande competência de engenheiro para se reparar e para cair bem nas águas turvas das finanças, as quaes finanças nem elle ainda conseguira salvar com os... sellos dos theatros.

Sebastião Telles

Coronel e escriptor. Um rei artista teve-o como official ás ordens. D'esse convívio nasceu um artista da palavra escripta em tres livros preciosos sobre assumptos militares. Mais patriota do que politico, o seu nome impoz-se desde 78 entre os homens de valor. Foi esse valor que lhe abriu as portas do ministerio da guerra na ultima situação progressista, e as abre agora n'estes tempos de paz... em que os Estados se fortificam.

O argumentador terá de ceder hoje o logar ao homem de acção. *Res, non verba.* Com este latim vae-se longe, mesmo deixando a espada na bainha, e pondo em serviço a penna ministerial que espirre, mas que escreva direito.

Dr. Moreira Junior

Tem a sua succursal no actual governo a medicina portugueza, que tambem já estava representada no que falleceu. Isto prova que se até aqui tem havido ministros d'Estado, hoje é indispensavel que haja tambem: medicos d'Estado. O paiz é um doente e todo o doente precisa de um medico. Acresce que o novo titular da marinha é um operador eximio. Pois, puxe do seu bisturi, que tem muito a que o applique. Corte, rasgue, desfibre, disseque, esprema com alma o pús a todos os furunculos que encontre, e verá que curar uma chaga no corpo humano dá menos titulos de benemerencia do que curar uma chaga no corpo social.

O dr. Moreira Junior, que é o mais novo dos ministros, tem provado no pensar, no falar, no saber, que é dos mais velhos. Quem o visse, imberbe ainda, sair da Escola Medica, diplomado e glorificado, julgaria que elle ia... entrar. E mal tinha saído a porta ferrea dos estudantes para logo se lhe abriu de par em par a porta grave dos lentes. A sua divisa deve ser esta: entrar com o pé direito. Logo depois de entrar no corpo docente da Escola Medica, entrou na camara dos deputados. E com a mesma rapidez com que na medicina foi promovido a lente, na politica foi promovido a ministro. D'antes o seu consultorio enchia-se de clientes que criam n'elle como n'um Deus. Hoje vão ao seu gabinete, juntamente com os bravos officiaes da nossa marinha, todos os portuguezes que o são, pedir-lhe a regeneração das nossas colonias. E de tantas faculdades dispõe, e tanto quer á sua patria este progressista *enragé*,

que por causa d'ella havemos de vel-o, não ha duvida... um regenerador.

Eduardo Villaça

Não ha progressistas, nem regeneradores, nem republicanos, nem nacionalistas, nem socialistas, nem franquistas, nem miguelistas, nem indifferentistas, quando o sr. Villaça está no poder. Ha villacistas. Tal o prestigio do encanto pessoal, que elle basta para dar uma côr a todas as côres, para derivar todas as correntes da politica para a corrente da... sympathia. Estamos até em dizer que o titular dos estrangeiros vae chamar ao seu redil todos os *teries* e *shigs* da Grã-Bretanha. Elle attrae como um iman, é fino como um diplomata, é loiro como um inglez: que admira se lhe chamarem seu, se o quizerem para o seu gremio, não só os robustos subditos, mas até as frageis subditas de Sua Graciosa Magestade! Positivamente a escolha do sr. Villaça para acompanhar el-rei a Londres é o acto politico que, mais que a demissão de um governo e a nomeação de outro, abona o alto criterio de S. M. O cordão umbilical entre a nação portugueza e a poderosa Inglaterra nunca podia ser um ministro de côr trigueira, e loiros como o sr. Villaça, não ha por ahí a dar com um pau. "Este sim, que tem *le physique de l'emploi*," dirá o rei aliado ao acolher com um reconhecido aperto de mão o sorriso captivante do nosso ministro dos estrangeiros.

Esta qualidade physica que para a viagem a Londres vem a talho de foice na actual conjunctura, não é contado entre nós a primordial. No dominio moral e nos do intellecto tantas se reúnem no sr. Villaça, que até d'aquella prescindiamos. Para lhe dar um culto em todos os espiritos e radicar-lhe em todos os corações uma sympathia, bastava o seu valor pessoal, o prestigio da sua intelligencia, a formosura do seu character.

Eduardo José Coelho

Um transmontano, que é quasi um hercules de corpo pequeno. Uma força dentro de um estojo. Ao sair dos bancos da Universidade traçou na sua frente uma linha recta, e seguiu por ella sem se desviar, n'um rompante de energia. E assim passou pela magistratura e pela politica, sereno como um lago, violento como um tufão, mas sincero sempre na mansidão e nos impetos. Não deve, não teme. E' o que é. Na guerra daria um bravo. Na vida deu um tenaz.

Entra pela segunda vez no ministerio das obras publicas, onde muito terá que fazer em favor da agricultura, da industria e do commercio, as tres molas que farão resaltar a riqueza do paiz. Entra com a politica debaixo do braço, mas leva com ella um espirito lucido ligado a uma lealdade comprovada — contrapesos que servirão de garantia á excellencia da... polvora do seu genio.



A vida em Cascaes



Assistindo ao torneio do Lawn-Tennis, em 21-11-904

O NOVO MINISTERIO



Conselheiro Antonio Augusto Pereira de Miranda
Ministro do Reino



Conselheiro José Maria de Alpoim
Ministro da Justiça



Conselheiro Manuel Affonso Espregueira
Ministro da Fazenda



Conselheiro Sebastião Telles
Ministro da Guerra



Dr. Manuel Antonio Moreira Junior
Ministro da Marinha



Conselheiro Eduardo Villaça
Ministro dos Negocios Estrangeiros



Conselheiro Eduardo José Coelho
Ministro das Obras Publicas

Regimento de Caçadores 5

Tem uma historia brilhantissima este regimento, historia tão mal conhecida do publico, e que o *Brasil-Portugal* se honra de re-memorar, resumindo os feitos heroicos d'este corpo que tão gran-

No anno seguinte, em junho, fazendo parte das torças alliadas, commandadas por sir Wellesly, ao sul do Tejo, teve o seu baptismo de sangue, indo arrazar a ponte de Alcantara, em Hesper-



Entrada do Castello de S. Jorge, onde está aquartelado o regimento

des serviços tem prestado ao paiz, e que tem o seu nome gravado em bronze.

O batalhão de caçadores n.º 5 foi organizado por decreto de 14 de outubro de 1808, e aquartelou-se em Campo Maior.

nha, para obstar á passagem dos francezes na segunda invasão. Depois da batalha de Talavera, no mesmo anno, entrou no combate que se feriu no desfiladeiro de Baños com as forças de Soult.

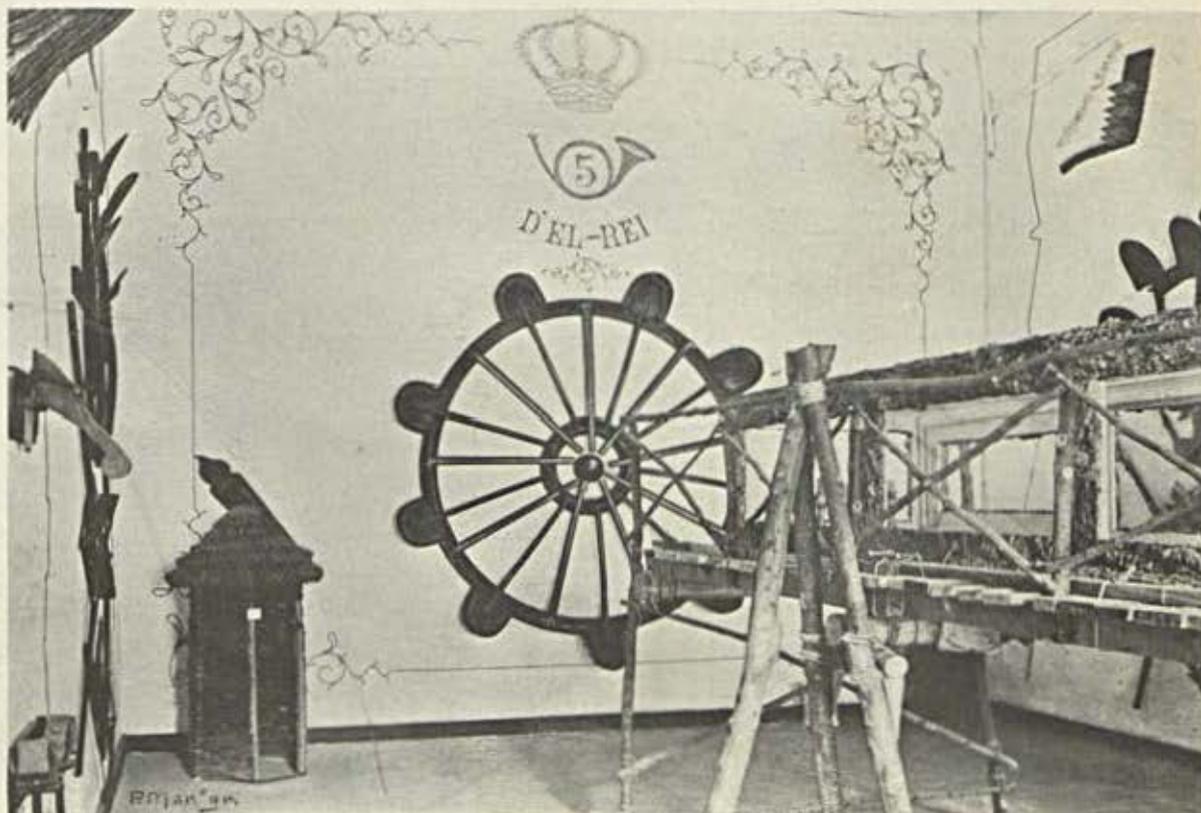
Em 27 e 28 de setembro de 1810, tomou parte activa nas batalhas do Bus-saco, o que lhe mereceu palavras quentes de elogio de Wellington.

Por occasião do sitio de Badajoz (a divisão era commandada por Hamilton) o batalhão de caçadores 5 entrou na sangrenta batalha de Albuera, defendendo com inaudita coragem a ribeira de Albuera.

Em 22 de julho de 1812 tomou parte na batalha de Salamanca contra os francezes. Em 7 de setembro na de Valladolid, e a 19 de outubro assistiu ao



Fachada do quartel



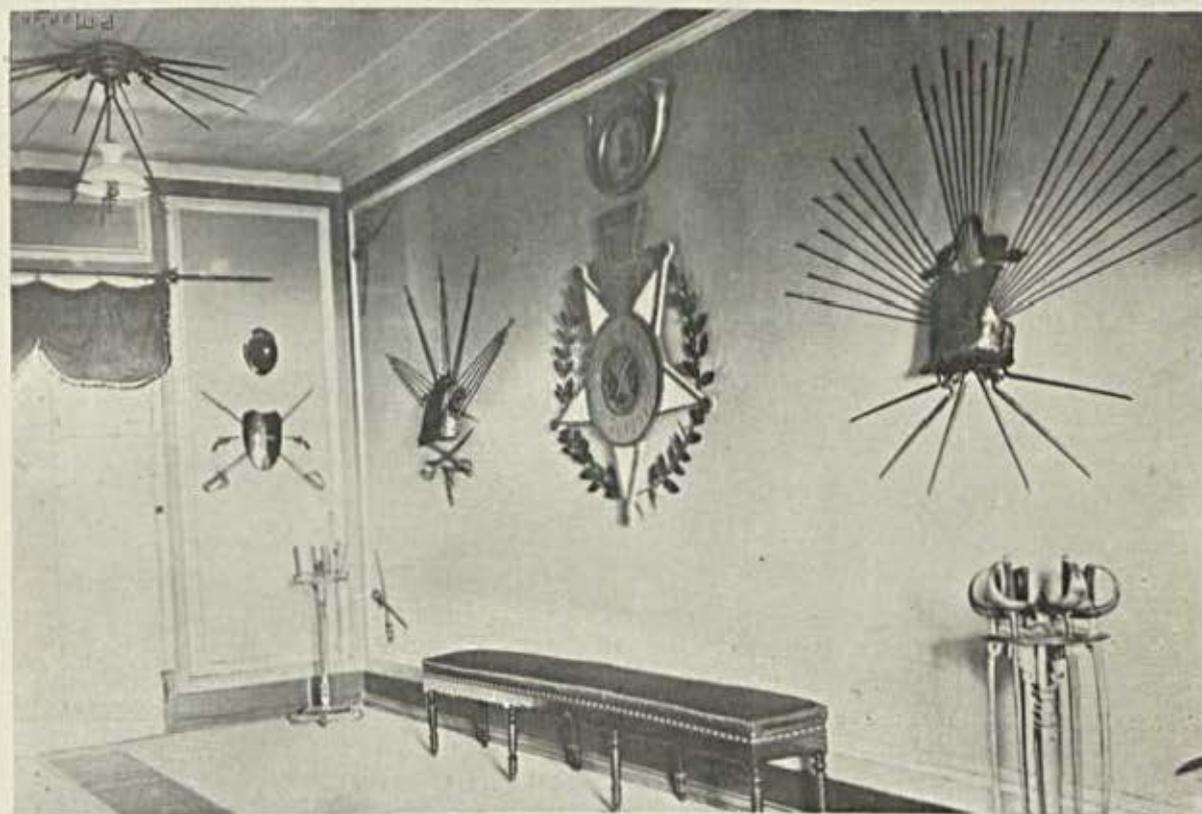
Arrecadação de Sapadores

cercos de Burgos, onde fez prodígios. Entrou de novo o exercito anglo-luso em Hespanha em 1813, guiado por Wellington, e a 21 de junho ataca os francezes perto da cidade de Victoria, desbaratando-os. Caçadores 5 lá esteve, causando assombro no ataque da povoação de Abechucco. No dia 25, encorporado na brigada volante de Bradford, concorreu para expulsar os francezes das suas posições, cobrindo se de gloria. Em 31 de agosto do mesmo anno o batalhão entrou no assalto glorioso á praça de S. Sebastian de Biscaia, causando o espanto dos inglezes pela sua bravura incomparavel. Em 10 de novembro os anglo-lusos, já em França, atacam

Soult em Nivelles. O batalhão entrou com 400 homens na acção e manteve os seus credits de valentia na tomada de um reducto. Em 12 de novembro Wellington bate os francezes nas margens do Nive. A 10.ª brigada entrou n'essa acção e com ella caçadores 5.

Em 1814 os aliados atravessam o rio Adour e encurralam o inimigo nos muros de Bayona. O cerco de Bayona durou de 27 de fevereiro a 18 de abril e a 10.ª brigada foi especialmente elogiada pelo marechal Beresford. Feita a paz, o valente batalhão reentrou em Portugal.

Seis annos depois, em 1820, reaparece nas luctas pela liber-



Glicés Benedit.

Sala de armas

dade, a que se associou quando rebentou a revolução no Porto. Em 1823 marcha para Amarante, onde o conde de Amarante com alguns corpos rebeldes proclamara a queda do governo constitucional, e no mesmo dia da chegada a Penafiel parte para Amarante, onde, apesar de morte de fadiga, carrega á baioneta os contrários, derrotando-os por completo.

Restaurado de novo o governo absoluto, caçadores 5, suspeito pelas suas ideias liberaes, foi mandado para a Terceira. Em 1828, a 22 de junho, appoia o movimento de protesto contra o absolutismo, e na ilha são aclamados D. Pedro IV e D. Maria II. Em 4 de outubro caçadores 5 derrotou no Pico do Celleiro, os guerrilhas e povo amotinado afeiçãoados ao governo absoluto. Foi depois d'este feito arrojado que D. Maria II bordou uma bandeira que mandou offerecer ao batalhão, e de que damos uma gravura curiosa, copia de uma tela da epoca. Esse grupo de soldados foi como que o nucleo de que se formou o exercito libertador. Juntamente com a bandeira, foi entregue o seguinte officio, assignado pelo marquez de Palmella, e que é conservado como uma reliquia nos archivos do batalhão:

«Sua Magestade a Rainha, minha Senhora, tendo na mais alta consideração os importantes serviços, que ha feito o batalhão de caçadores n.º 5 de que o Vm.º é digno commandante, portundo-se com o brio e denodo, que desde longo tempo o caracterizam, e dando o mais nobre exemplo de fidelidade á legitima soberana, quando desgraçadamente uma parte da força armada seguia o partido da rebelião, foi servida dar ao dito corpo o mais raro testemunho do grande apreço, que fez de tão assignalados serviços, enviando-lhe uma bandeira, em cuja bordadura trabalhou com suas proprias e regias mãos; dom singularissimo e nunca visto até agora. S. M. espera que Vm.º faça conhecer ao valente batalhão de caçadores n.º 5, que a mesma augusta senhora lhe faz a maior honra, que pode fazer-se, e que esta bandeira, monumento de regia magnificencia, e do merito sobre que ella se empregou, deve servir-lhe d'incentivo para continuar em seu digno porte seguindo como até agora a vereda da honra e do dever.»

Em 1829 tomou parte no celebre combate da Villa da Praia, na ilha Terceira, contra a esquadra miguelista. O commandante militar era o conde de Villa Flor, um nome que ficou.

Em 1831 o conde occupa as ilhas do Pico, S. Jorge e Fayal, e envia uma expedição a S. Miguel, toda occupada por partidarios de D. Miguel. Na Ladeira da Velha trava-se o combate, distinguindo-se caçadores 5, que fez pender a victoria para os liberaes.

Em 1832, tendo D. Pedro IV chega aos Açores ido do Brasil, or-



D. Maria II bordando a bandeira de caçadores 5

ganizou-se a expedição que a 27 de junho seguiu para o continente a combater o usurpador, e a 7 de julho as 3 divisões desembarcaram na praia de S. João do Mindello.

No dia 10 a divisão ligeira expulsa as tropas miguelistas da

Serra do Pilar, e ali estabeleceu-se caçadores 5. Em 25 de julho fere-se a grande batalha de Ponte Ferreira entre os liberaes e as forças do conde de Santa Martha — 8000 contra 12000 homens. O começo da acção foi iniciado por caçadores 5, e tal foi a sua bravura que D. Pedro auctorisou, por decreto, que elle usasse na sua bandeira a fita da ordem da Torre e Espada!

Em 1833 distinguu-se no monte das Antas, ponto estrategico



Juramento de bandeira

para a defeza do Porto, onde se travaram repetidos combates. Foi em memoria d'essas acções que o então commandante de caçadores 5 foi agraciado com o titulo de conde das Antas.

Nas escaramuças do Lordello tanto se salientaram a 3.ª e 5.ª companhias de caçadores 5, que foram agraciadas com duas condecorações da Torre e Espada. Mais duas condecorações recebeu o batalhão na acção de Avintes, no mesmo anno, a decisiva, em que os absolutistas foram repellidos para os lados de Penafiel.

Em 25 de agosto o heroico batalhão entra em Lisboa, coberto de gloria, aclamado pelo povo. Ao seu encontro vai D. Pedro fardado de coronel de caçadores 5, posto que reservára para si, e elle proprio o conduz ao quartel do Valle de Pereiro.

No assalto a Lisboa, em 5 de setembro, pelas tropas absolutistas do commando do marechal Bourmont, caçadores 5 comportou-se heroicamente na defeza da Quinta do Lourical, destroçando o inimigo. Esta acção valeu-lhe mais vinte e quatro condecorações da Torre e Espada.

A historia guerreira de caçadores 5 termina com a batalha de Almoester em 18 de fevereiro de 1834, em que mereceu mais duas condecorações da Torre e Espada.

Ahi fica em algumas linhas este poema de tradições gloriosas. Desde D. Pedro IV todos os monarchas se honram com o titulo de coronel honorario d'este batalhão a que D. Luiz I conferiu o titulo de *Caçadores de El-Rei* em 1881.

Citamos alguns dos commandantes de caçadores 5: Coroneis Valladares, Pessoa, José Maria d'Almeida, Graça, Cibrão, João Eduardo Augusto Vieira, official dos mais distinctos, tenente-coronel Sousa Machado, o conhecido heroe de Africa oriental, e o actual commandante, tenente coronel Marques, que sobejamente tem evidenciado o seu valor e competencia, e a que se devem grandes melhoramentos, taes como a nova sala de armas, e a arrecadação de sapadores, de que damos duas gravuras.

Meu Pae, meu Pae, ó alma santa e pura!
Quando morreste, a negra Dôr, ansiosa,
Rasgou-me o seio, penetrante e dura,
Tranquillamente triste, silenciosa.

Ó que saudade, ó que saudade immensa
Tenho por ti, ó coração do Bem;
Alma, minha alma, rasga a treva densa,
Sobe chorando onde Elle está tambem.

(Das Silenciosas.)

Vidal Oudinst.

A officialidade de caçadores 5



Da esquerda para a direita. — 1.º plano: Capellão Fragozo, capitão Brandão, capitão Santos, tenente-coronel commandante Sousa Marques, major Serra, capitão Rollo, capitão Sobrinho, capitão Menezes.
2.º plano: Alferes medico Garcia, capitão Gomes Ribeiro, alferes Machado, tenente Gonçalves, alferes Velloso, tenente Almeida, tenente ajudante Gomes Braga, tenente Simas, mestre de musica Braz.
3.º plano: Tenente adjunto Neves, tenente Magalhães, alferes Carvalho, alferes Passos, alferes Martins, alferes Vianna, alferes Luz Rodrigues. (Este, victima do desastre no Sul de Angola).

Cliché Benoliel.

Encontro de Alexandre Dumas (pae) com um portuguez que elle desconhecia e de como este se portou

HA dias, e por mero acaso, deparou-se-me uma folha solta d'*O Dia* (pag. 4 e 5 de não sei que numero), em que Pinheiro Chagas, n'um artigo sobre Emilio Castellar, a proposito d'um almoço que este lhe offerecera na sua casa de Madrid, nos conta como o grande tribuno hespanhol era frequentemente presenteado, recebendo dos seus admiradores «as pareas da sua admiração.»

Esta leitura veio acordar na minha memoria um caso da mesma indole, passado ha 36 annos, entre Dumas pae e um compatricio nosso.

Entre Setubal e o Havre navegou annos successivos o navio mercante, de nome *Salamandra*.

Era seu commandante Sergio Pacheco, um dos maritimos mais bem reputados da cidade do Sado, e filho d'ella. Fôra sua a ideia de se appellar o navio com aquelle nome, pela razão, que elle dava, de que o emblema allegorico d'aquella cidade de França, a que muito queria, é uma salamandra.

Em outubro de 1868, elle ahí vae alegremente, em decima terceira viagem.

A cidade maritima do Havre, já habitualmente muito movimentada, dobrava de vida em effeito d'uma Exposição, a que não faltava basto numero de forasteiros nacionaes e estrangeiros.

Entre os commerciantes do Havre, conhecidos e relacionados com o capitão do *Salamandra*, tinha preferencia Mr. Truffet, tambem proprietario d'um *Hotel-restaurant*, frente ao Caes d'Orleans.

N'esta viagem, recebeu elle do seu amigo portuguez, uma lembrança de Setubal, um gigo de preciosa fruta (laranjas, romãs, etc.), como a produz esta abençoada região.

Aqui para nós: que a offerta foi entregue directamente a Mr. Truffet parece não ser duvidoso; mas, se no intimo do peito do capitão a

zia ás costas um gigo de fruta, o tal que vinha reservado para o correspondente; e declarando a Mr. Truffet a intenção que o levava ali pede-lhe para em seu nome (d'elle capitão) apresentar ao grande Dumas aquella offerta, do mesmo genero que elle tanto apreciara na vespera.

O romancista estava n'uma saleta em bom cavaco com alguns amigos, residentes no Havre, que tinham vindo visital-o. Truffet foilhe participar a offerta, e Dumas mandou dizer ao seu admirador que desejava recebê-lo.

O capitão foi acolhido cordealmente. Dumas disse-lhe palavras de sincera gratidão áquella sua espontaneidade, contou aos amigos presentes o caso da sobrezeza da vespera, e concluiu que lhe seria muito agradavel offerer-lhe uma lembrança sua, o que faria logo que regressasse á sua casa de Paris.

O capitão do *Salamandra*, algo perturbado pela affabilidade do grande homem, ainda poude desembuchar-se e disse a Dumas, que visto o bom desejo, que acabara de patentear, se atrevia a pedir-lhe que lhe enviasse um retrato seu, não tanto para si como pela satisfação que essa offerta daria a seu cunhado, poeta e alto apreciador de homens de letras, residente em Setubal.

— Oh meu amigo (acudiu Dumas), n'esse sentido não podia vir em melhor hora. Trago aqui na mala um pequeno maço d'elles, que recebi em Paris ao sair de casa.

E effectivamente, tirando um retrato da mala, assentou-se á meza, e acompanhando as indicações do capitão, escreveu esta dedicatória.

A Mr. Portella, ancien rédacteur du «Jornal de Setubal.»

A. Dumas.

Refere-se ao meu velho amigo Manuel Maria Portella, poeta de valor não inferior a alguns outros celebres pela *réclame*, e que gasta



Alexandre Dumas (pae)



Sergio Pacheco

direcção da lembrança era ao pae e não a alguma das duas filhas (que elle dizia serem muito sympaticas), é ponto que nunca se apurou bem. Quando qualquer dos seus amigos lhe propunha tal duvida, o capitão corava e engasgava-se na defeza da sua innocencia. Creio que foi segredo que desceu com elle á campá.

Mas, o capitão Sergio era homem para tambem não se esquecer do seu correspondente no Havre, e por isso, ao preparar a viagem, não mandou para bordo apenas um gigo de fruta para a familia Truffet, mas tambem outro (talvez menos bem sortido, se não havia *demoiselle* no caso), com destino ao afortunado correspondente.

Chega certo dia, em que, além da exposição, havia mais . . . sabem o que? Corrida de touros.

Se o grande Dumas pae, o auctor d'*Os tres mosqueteiros* e creador de tantas figuras, cujo principal relevo lhes vem do valor, da intrepidez, de heroismo, era homem para faltar a um espectáculo d'estes . . . Não senhores: veio entre os parisienses, e ahí o temos instalado no hotel do seu amigo Truffet, amigo d'elle como de toda a gente; o gigante tinha coração para isso.

Dumas, ao jantar, provou a fruta de Setubal, e a provou-a, a gostal-a, a saboreal-a, o summo a escorreu-lhe em fios pelos cantos da bôca, exclamava n'um dythirambo:

Oh! délicieux! délicieux! . . .

O capitão Sergio, convidado n'esse dia a jantar, como amigo da casa, estava radiante de jubilo, elle, leitor apaixonado dos livros do grande homem que ali lhe estava defronte, e que considerava como seu companheiro permanente de viagem, pois que eram os seus livros que lhe entretinham os ocios de bordo. O que elle não gabava a graça d'aquelles dez volumes das *Minhas memorias!* Delicias como a d'esta leitura, só. . . as laranjas de Setubal.

Quando o capitão, absorvido na expressão de gozo do grande literato e grande *gourmet*, commentava com a familia da casa aquella sua inesperada fortuna, que elle nunca sequer sonharia, uma ideia relançou-lhe no cerebro. E ficou como encantado por alguns segundos.

No dia immediato, antes da hora de jantar, entrava no hotel o commandante do *Salamandra*, seguido d'um moço de bordo que tra-

em Setubal os 70 annos da sua vida, entre os seus filhos e netos e a sua misanthropia.

Foi elle, agora e a meu pedido, que avivou na minha memoria o caso que aqui fica narrado, e que mais d'uma vez veio ás nossas conversas nos annos de 1868 e 69.

Dumas ainda dirigiu ao capitão Sergio, algumas perguntas ácerca da cidade de Setubal; e depois de curtas respostas este apresenta-lhe as suas despedidas. E' então que, para sellar o seu reconhecimento, Dumas lhe dá um abraço, «abraço que me encheu o peito por algum tempo», commentava o capitão.

Este, antes de retirar do Havre, fez reconhecer a assignatura por um notario, que vira entre os visitantes do romancista.

— E o correspondente? perguntarão.

— O correspondente!! . . . Ah sim, o correspondente: Esse ficou a ver navios . . . no caes do Havre.

Por isso, amigos leitores, um conselho: sejam antes romancistas do que correspondentes.

HENRIQUE DAS NEVES.

LAGRIMAS DE MÃE

Deus fez a morte e fez a tempestade
que nos sepulta nos revoltos mares;
fez as noites sem luz em que os pezares
redobram de tristeza e de anciedade;

deixou na guerra o imperio á crueldade,
a capricho da força e dos azares;
deixou que entrasse o odio em nossos lares,
esquecido talvez da humanidade;

mas como se em sua alma, enternecida,
ao ver a humanidade assim pungida
a compaixão maior se despertasse,

deu-nos o que ha mais puro n'esta vida,
a lagrima d'amor que vem caida
dos olhos maternas á nossa face.

M. M. PORTELLA

A VIDA EM CASCAES



«Mad-cap» na Bahia de Cascaes. — Regata em 14-10-904



Nu Bahia de Cascaes. — Assistindo á regata



A bordo do «Mad-cap»



S. Magestade a Rainha, a bordo do escaleo electrico, assistindo á regata



O vapor da comissão promotora da regata



O yacht «Sado» de S. M. El-Rei no dia da regata

A VIDA EM CASCAES



*Torneio de automoveis no Sporting Club em 15-10-904
Sua Alteza o Sr. Infante D. Affonso e a Ex.^{ma} Sr.^a D. Julia de Serpa*



S. M. a Rainha assistindo ao torneio de automoveis



Assistindo ao torneio de automoveis

Clebs de Antonio Lus (Carricho).



Assistindo ao torneio de automoveis



No Torneio do Lawn-Tenis, em 21-10-904

Politica internacional

Depois da batalha de Liao-Yang escrevemos, que uma nova carnificina se preparava segundo todas as presumpções ás portas de Mukden, e que a evacuação d'esta cidade pelos russos não se faria provavelmente esperar. A primeira parte d'esta prophécia realisou-se já. A realisação da segunda parece não dever demorar-se, pois não é crível que o exercito russo novamente derrotado possa sustentar-se na cidade santa.

Até este momento é impossível fazer ideia clara da situação dos russos na Mandchuria, primeiramente porque não ha ainda noticia circumstanciada dos combates, que na semana finda se feriram entre os dois exercitos, e em segundo logar porque a batalha continúa, não se conhecendo por ora a ultima phase d'ella.

O que se sabe, porém, conforme as noticias que de toda a parte nos chegam, sem exceptuar da propria Russia, é que d'esta vez a derrota de Kuropatkin foi muito mais desastrosa do que a de Liao-Yang, sendo incomparavelmente superiores as perdas do seu exercito. Causa pavor o que o telegrapho com o seu atroz laconismo nos tem transmittido ácerca da batalha, que ha uma semana se está ferindo. As perdas dos russos sobretudo são assombrosas. Alem das baixas que pelo proprio general Kuropatkin e não referentes a toda a batalha se computam em 30.000 homens, ha a accrescentar a tomada pelo inimigo de mais de 120 canhões, o que significa uma retirada feita em desordem e precipitadamente.

Os derradeiros telegrammas, a serem verdadeiros, dão conta de alguns successos parciaes dos russos nos ultimos dias. Mas, admittindo mesmo que esses telegrammas não sejam forçados ou pelo menos exaggerados com o fim de levantar os espiritos abatidos na Russia pela tão continuada má sorte das suas armas, em nada um ou dois reverses dos japonezes pôdem alterar o resultado geral da gigantesca batalha de Yentai, que foi para o general Kuropatkin uma terrivel derrota. De mais n'uma batalha ou melhor n'uma serie de batalhas extendendo-se por umas poucas de dezenas de kilometros ha sempre grande variedade de episodios, que separadamente descriptos pôdem ser ao mesmo tempo considerados como victorias ou reverses pelos dois exercitos contrarios. A mesma posição tomada e retomada repetidas vezes pôde ser reclamada e até de boa fé como um triumpho japonês ou como uma victoria russa, conforme o momento a que a noticia se referir.

Porisso n'uma guerra como esta e com a novissima estrategia que os japonezes estão empregando na Mandchuria, um successo parcial só pôde ter significação, quando se refira a pontos que sejam chave de situações militares importantes. O resultado geral é que tem valor.

Ora não ha duvida de que o resultado geral da batalha de Yentai (assim parece que se ficará chamando a grande batalha) foi desfavoravel para os russos, que n'ella soffreram mais uma importante derrota. Não falando já das perdas colossaes do exercito de Kuropatkin, e da retirada que este general se viu obrigado a fazer sob o fogo do inimigo, basta o facto de não ter o generalissimo russo logrado o seu intento, para evidenciar o malogro da operação em que se empenhou por iniciativa propria ou por suggestão de S. Petersburgo. Qual era, effectivamente, o fim confessado do ataque dos russos? Reconquistar as minas de Yentai e eventualmente Liao-Yang, para ir em soccorro de Porto Arthur. Conseguiram isso? Não conseguiram, vendo transformada pelo contrario a offensiva em defensiva, e tendo perdido algumas das posições de que se achavam de posse desde a batalha de Liao-Yang, sem contar com a nova perda de força moral e de prestigio por motivo de mais uma derrota.

Custa na verdade a comprehender como é que Kuropatkin preparou tão mal o ataque ou como se illudiu tão completamente a respeito das suas proprias forças e das do inimigo. O revez por elle soffrido é tanto mais para extranhar, quanto d'esta vez não foram os russos os atacados, mas os que atacaram, e que portanto podêram á sua vontade escolher a oportunidade. As forças russas eram além d'isso agora bastante superiores ás japonezas, 250 000 contra 150 ou 180.000.

Verdade seja que na preparação da offensiva, que planeava, foi Kuropatkin de uma imprudencia indesculpavel, que mal se concilia com o que dizem do seu character reflectido e frio. Primeiramente fez saber por todas as formas e com uma insistencia que só pôde ser attribuida a inexplicavel infatuação, que os seus effectivos por virtude dos reforços recebidos eram muito superiores aos do inimigo, prevenindo d'este facto os japonezes, que naturalmente se prepararam para lhes fazer face com novos reforços tambem. Não contente com este erro, que necessidade alguma strategica ou politica desculpava, commetteu uma segunda falta mais grave ainda, fazendo publico com muitos dias de antecedencia por meio de uma proclamação já hoje historica, para lhe não chamar ridicula, que ia começar a offensiva, dando d'esta maneira tempo sufficiente ao marechal Oyama para tomar todas as disposições defensivas, inclusivé a de armar o laço da retirada das posições avançadas, em que o generalissimo russo tão ingenuamente se deixou cair.

O resultado foi o que se devia esperar. O movimento russo fracasou, repetindo-se em grande escala os desastres soffridos pelos generaes Keller e Stackelberg, em Motienling e Telissu. Custa a acreditar que Kuropatkin, que na opinião dos criticos militares levou a bom termo com tanta habilidade a retirada de Liao-Yang, praticasse os

dois erros de palmatoria, que lhe custaram a ultima tremenda derrota. Mas parece que esta leviandade está sendo contagiosa entre os russos. Pois não é suggestivo o que se vae passando com a partida da esquadra do Baltico para o Extremo Oriente?

Em vez de preparar em silencio essa esquadra e de a enviar com a maior brevidade e com o possivel segredo para o seu destino, parece que o almirantado russo com os continuados annuncios e contra annuncios da partida dos navios está dando tempo aos japonezes, para que com todo o vagar inventem e ponham em execução algum plano diabolico para os destruir.

Sob este ponto de vista o contraste com o procedimento dos ministros e dos generaes do Mikado não pôde ser mais completo. Do lado dos japonezes tudo é segredo, e segredo tão bem guardado, que não só no estrangeiro mas mesmo em Tokio nada se sabe do andamento da guerra, a não ser depois dos factos consumados.

Mas porque emprehendeu o general Kuropatkin agora a offensiva, em vez de continuar a retirar lentamente para o norte até Kharbin, como sempre se disse ser a sua primeira intenção? Duas explicações se dão d'este facto, ambas ellas igualmente plausiveis, se bem que uma muito mais provavel. Affirmam uns, — os que desde o principio da guerra aconselhavam o abandono de Porto Arthur como uma necessidade strategica, — que foi a fatal attracção da fortaleza cercada, que mais uma vez contra todos os dictames da prudencia levou o exercito russo a marchar para o sul. Assim Kuropatkin teria feito pessoalmente hoje, (apenas em mais larga escala e expondo-se a um revez muito mais serio) o que ha meses mandou fazer ao seu subordinado Stackelberg. Segundo outros, e esta revelação vem-nos de Vienna, a offensiva do general em chefe russo ter-lhe-hia sido imposta de S. Petersburgo, não com o fim de salvar os bravos companheiros do general Stoessel, mas por motivos de ordem interna, facies de advinhar. Sabe-se, ha muito, a profunda depressão e a irritação surda, que os continuados desastres das armas russas tem causado em todo o imperio. Tanto quanto pôde avaliar-se pelos correspondentes dos jornaes estrangeiros, incluindo os proprios francezes, para este caso insuspeitos, a situação interna da Russia agrava-se todos os dias. Se continúa a má fortuna do general Kuropatkin, são de recear graves acontecimentos. Não é pois de extranhar que se procure o remedio a este estado de cousas n'uma offensiva, que, se desse aos russos a victoria, resolveria por agora a situação. Uma victoria é no sentir de todos indispensavel. A difficuldade está em ganhala.

Não ha duvida que a materia prima do exercito russo é excellente. O soldado na fileira é dos melhores sem contestação — bravo, paciente, soffredor, como nenhum. O que lhe inutilisa o esforço são, em primeiro logar, as condições em que combate, e depois o mau funcionamento do organismo militar, de que faz parte.

A distancia a que o theatro da guerra está da Europa é o principal embaraço. A falta de mobilidade das differentes unidades é o segundo. Accrescente-se a estes dois obstaculos a dupla inferioridade resultante de peor armamento, sobretudo artilheria, e de menos habil direcção, e ter-se-ha esclarecida em grande parte a causa dos desastres russos, não obstante a excellencia incontestavel do soldado moscovita.

Mas tudo isto não explica a serie ininterrompida dos triumphos japonezes, se se não fizer intervir um elemento moral, que tem sido decisivo para assegurar a superioridade ás tropas do Mikado.

Na Russia a guerra é impopular. No Japão é popularissima. Não só o *muji* não pôde comprehender, porque motivo o mandam para a Mandchuria combater homens em que nunca ouviu falar, senão que tambem os espiritos illustrados no imperio do tsar perguntam descoroçados para que se está derramando tanto sangue e sacrificando tanto milhões afim de conservar um dominio, que ha de ser sempre precario, n'uma região tão afastada, que quasi pertence a um outro mundo, e povoada por gente que detesta o dominio russo? No Japão



S. A. a Princesa das Asturias

† em Madrid a 17-10-904

O seu ultimo retrato em grupo com seu marido



Retrato de S. A. R. a Princesa das Asturias com seus filhinhos

pelo contrario, o povo sabe que está combatendo pela causa nacional, conhece que na lucta em que muito reflectidamente se empenhou precisa vencer ou morrer, por isso que é a existencia da nação que está em jogo.

N'estes termos e mesmo que as condições materiaes dos dois exercitos fossem iguaes, como não haviam os japonezes de vencer? E' este o grande elemento moral, que explica a victoria das tropas do Mikado. Os russos batem-se bem, mas batem-se sem calor e unicamente no cumprimento de um dever militar. Os japonezes, hallucinados pela idéa de que se sacrificam para salvar a patria, frementes de patriotismo e de orgulho nacional vão para a morte entoando o fúnebre *bansai*, que é o hymno ultimo por elles offerecido á gloria do Dai Nippon. E pôde algum admirar-se de que homens assim sejam capazes de tudo conseguir?

CONSIGLIERI PEDROSO

A arlesiana

Para ir á aldeia, quando se desce do moinho, passa-se deante de um prédio edificado proximo da estrada, no fundo de um grande pateo ajardinado. É a casa do lavrador da Provença, com os telhados vermelhos, a larga fachada cinzenta irregularmente distribuida, depois lá no cimo o catavento do celeiro, a roldana para içar os mólhos de trigo e os mólhos de feno já bastante secco...

Por que motivo me causou impressão esta casa? Porque razão este portal sempre fechado me opprimiu a alma? Nunca fui capaz de o explicar. Entretanto esta casa causava-me calafrios. Havia em torno d'ella um demasiado silencio. Quando alguém passava proximo, os cães não ladravam, e as gallinhas deitavam a fugir sem cacarejar... Lá dentro, nem uma voz sequer! Nada, nada, nem mesmo o guiso de uma mula... Se não fossem as cortinas brancas das janelas e o fumo que subia dos telhados, dir-se-ia um sitio deshabitado.

Hontem, pela volta do meio dia, voltava da aldeia, e, para evitar o sol, seguia encostado aos muros da quinta, á sombra das arvores que se inclinam para fóra... Na estrada, em frente da habitação, moços silenciosos acabavam de carregar um carro de feno... O portão tinha ficado aberto. Lancei um olhar, quando passei, e vi no fundo do pateo, a cabeça entre as mãos, os cotovellos fincados sobre uma meza de pedra, um grande velho todo branco, com um casaco muito curto e as calças em farrapos... Parei. Um dos homens disse-me em voz baixa:

— Chut! é o patrão... Está assim desde que aconteceu ao filho aquella grande desgraça...

N'este momento uma mulher e um rapazito, vestidos de preto, passaram perto de nós e entraram para a quinta. O homem accrescentou:

— ... A patrão e o filho mais novo que voltam da missa. E' aonde vão todos os dias, desde que o filho se matou... Ai! meu querido senhor, que tristeza!... O pae traz ainda o fato do morto; ninguém é capaz de lh'o tirar... Oh! hé! animal!

O carro deu um balanço para partir. Eu, que queria saber ainda mais cousas, pedi ao carreiro que me deixasse subir para o lado d'elle; e foi lá em cima do feno, que eu vim a saber toda esta desgraçada historia...

O rapaz chamava-se João. Era um soberbo camponez de vinte annos, serio como uma rapariga, valente e a phisionomia franca. Como fosse bonito, as mulheres olhavam para elle, mas o rapaz só pensava n'uma — uma rapariga filha d'Arles, toda coberta de veludo e rendas, que elle tinha encontrado uma vez, no circo da cidade. Em casa, logo de começo, ninguém viu com prazer semelhante ligação. A rapariga passava por muito janota e os paes não eram d'aquelles sitios. Mas João queria a sua arlesiana desse lá por onde desse. Dizia:

— Eu morro se m'a não dão...

Foi preciso ceder. E ficou decidido que elles se haviam de casar depois das ceifas.

Ora um domingo á tarde, no pateo da habitação, a familia acabava de jantar. Era quasi um banquete de nupcias. A noiva não tinha assistido, mas tinha-se bebido constantemente á sua saude... Um homem appareceu á porta, e n'uma voz que tremia, pediu para falar ao senhor Estéve, a elle só. Estéve ergueu-se e saiu para a estrada.

— Patrão, disse-lhe o homem, o senhor vae casar o seu filho com uma mulher de má nota, que foi minha amante durante dois annos. O que avança, provo-o: aqui estão as cartas!... Os paes sabem tudo e tinham m'a promettido; mas, desde que seu filho a requesta, nem elles nem a bella querem saber de mim... Cheguei á conclusão que, depois de tudo quanto se tinha passado, ella não podia ser a mulher de outro.

— Está bem! disse o patrão Estéve depois de ter lido as cartas; queira entrar para beber um copo de vinho.

— Muito obrigado! respondeu o homem; tenho mais tristeza do que sede...

E partiu. O pae entra, impassivel; retoma o seu lugar á meza e o banquete acaba alegremente...

N'essa tarde o patrão Estéve e o filho foram juntos para os campos. Ficaram muito tempo por fóra; quando voltaram, a mãe esperava-os ainda.

— Mulher, diz o camponez trazendo-lhe o filho, beija-o; é muito infeliz...

João nunca mais falou na Arseliana. Comtudo, amava-as empre, e mesmo mais do que nunca, desde que lh'a tinham mostrado nos braços de um outro. Sómente era muito ativo para não dizer uma palavra, e foi isso o que matou o pobre rapaz!

A's vezes, passava dias inteiros, só, n'um canto, sem se mecher. Outras, atirava-se á terra com raiva e dava cabo, n'um dia, elle só, do trabalho de dez cavadores... E quando a tarde chegava, tomava pela estrada d'Arles e marchava para deante até que via subir no occaso as torres cinzentas da cidade. Então voltava. Nunca ia mais longe.

De o ver assim, sempre triste e só, as pessoas de casa nem sabiam o que haviam de fazer.

Receiava-se uma desgraça... Uma vez, á meza, a mãe olhando-o com os olhos arrazados de lagrimas, disse-lhe:

N'uma rua de Vienna d'Austria



Os delegados portuguezes ao Congresso da Imprensa

Migalhões Lima João Costa
Petra Visana J. Parreira
Tavares de Mello

Cliché de Hygino de Mendonça

— "Pois bem! escuta, João, se tu assim mesmo queres casar com ella, nós damos-te o nosso consentimento . . ."

O pae, cheio de vergonha, baixava a cabeça.

João disse que não e saiu . . .

A partir d'este dia mudou de hábitos de vida, affectando estar sempre alegre, para tranquillisar os paes. Viam-n'o pelos bailes, pelos cafés, pelas escamisadas. Quando chegou a festa de Fonvieille foi elle quem dirigiu as danças, quem conduziu a *farandola*.

O pae dizia:

— "Está curado . . ."

A mãe, essa tinha sempre receios e mais do que nunca vigiava o filho. João dormia com o irmão mais novo; e a pobre velha mandou armar uma cama ao lado do quarto d'elles . . .

Chegou a festa de Santo Eloy, o patrão dos fazendeiros.

Grande alegria em toda a casa . . . Houve de um vinho velho, precioso, para toda a gente; e vinho novo como se chovesse. Depois foguetes, fogos de côr e de artificio, lanternas de côr . . . Viva Santo Eloy! Houve uma *farandola* desordenada. O irmão mais novo queimou a blusa nova . . . O proprio João tinha um ar de contente; queria obrigar sua mãe a dançar; a pobre mulher chorava de felicidade . . .

A meia noite toda a gente se deitou, toda a gente tinha necessidade de dormir . . . Só João é que não dormia. O mais novo é que contou depois que ella tinha levado toda a noite a soluçar . . . Ah! afflanço-lhes que o rapaz estava devéras atacado . . .

No dia seguinte, ahi pela madrugada, a mãe sentiu alguem atravessar o quarto a correr. Teve como que um presentimento:

— "E's tu, João?"

João não respondeu: estava já na escada. Depressa, muito depressa a mãe levanta-se:

— "João, aonde é que tu vaes?"

Elle sobe para o sotão; ella sobe atraz d'elle.

— "Meu filho! em nome do céu!"

Elle fecha a porta e corre o ferrolho.

— "João, meu querido João, responde-me. O que é que tu vaes fazer?"

A's apalpadellas, com as velhas mãos que tremem, procura a tranqueta. Ouve-se uma janella que se abre, o ruido de um corpo sobre as pedras do pateo . . . eis tudo . . .

O pobre rapaz tinha dito:

— "Amo a muito . . . Vou-me embora . . ."

Ah! miseráveis corações que nós somos. E' triste que o desprezo não possa matar o amor! . . .

N'aquelle manhã a gente da aldeia perguntou quem gritava d'aquelle modo, lá para baixo, do lado da quinta do Estêve . . .

No pateo, deante da mesa de pedra coberta do orvalho e de sangue, a pobre mãe completamente nua chorava, com o filho morto nos braços.

ALPHONSE DAUDET.

Hymno Orphico

A Gabriele d'Annunzio

"Non ego loquar omnibus, sed tibi, sed mihi et his . . ."

PETRARCHA.

Praeludium:

Immarcescível Hora gloriosa,
Hora cheia de mysticos assombros,
Em que senti pousar-me sobre os hombros
Dos Versos teus a fronte luminosa;
Hora crepuscular, Hora ineffável
Em que bebi meu labio sequioso
O vinho do teu Sangue espumante,
E o meu olhar sondou vertiginoso,
A' luz do raio, ao farfalhar da palma,
D'ANNUNZIO, meu soberbo Hierophante,
A heroica profundeza de tua Alma
E de teu Sonho a altura formidável!

Sob o *zaimph* astral da Cruz do Sul,
Aos lampejos de um sol prodigioso,
— Rosa de fogo colossal boiando
Na vastidão nostalgica do Azul —
Dos colibris ao coruscante bando,
Ao marulho solemne da floresta,
Das roxas tardes na divina calma,
Da cataracta ao trovejar medonho,
Em pleno arfar da Natureza em festa,
Como minha Alma comprehendeu tua Alma,
Como meu Sonho comprehendeu teu Sonho!

Que runimol de sombras e esplendores,
Quanto te li pela primeira vez,
E pela vez primeira, nestas plagas,
Entre infernaes e angelicos rumores,
De milhares de leguas atravez,
Do mar por sobre as borrascosas vagas,
Reverberou, num rasto de ardentias,
O incendio de Belleza que accendias

Teu primeiro Discipulo talvez
Fui nestas brancas, tropicaes paragens.
Fui eu talvez que, da minha harpa, um dia,
Nas cordas clangorosas e selvagens,
Annunciei a aurora do teu Genio,
Fanfareando a tua Epiphania,
Sob o arco triumphal dos meus poemas!

Fui eu que, das Estrophes no proscenio,
Do nome teu as syllabas supremas
Gritei aos quatro ventos das Americas!

Incipit Pæan:

Louvado sejas tu pelos meus versos,
Sombrio evocador de almas homericas,
Colombo audaz de novos universos,
Que do luar ao cymbalo tristonho,
Da tempestade aos vagalhões insanos,
Andas singrando ignotos oceanos,
No galeão phantastico do Sonho . . .

Louvado sejas tu, Annunciador
Da Arte maravilhosa de amanhã,
Cujo arebol já te aureola a fronte:
— São Miguel, de azas negras de Satan,
Satan, de olhos azues de São Miguel —
Barbare e meigo, apaixonado e acerbo;
Louvado sejas tu por toda a terra,
Tu que de pé, nas trevas do horizonte,
Dos barathros da Ideia no cairal,
O sceptro de ouro e ferro do teu Verbo,
Engrinaldado de cypreste e rosas,
Levantas como um gonfalon de guerra!

Louvado sejas tu, Despota augusto
Das erradías Rimas vaporosas,
Joven Titan de invulneravel busto
Que, dos trovões ao lugubre clangor,
Aos deuses atrevido arrebataste,
Num bello gesto de triumphador,
A Jove e a magestade, — a Apollo — a Iryra,
E do Olympo varrendo as velhas brumas,
Reaccedendo da Arte a fria pyra,
A grande Alma pagã ressuscitaste.

Louvado sejas tu, Mergulhador
Que de glaucos abysmos arrancaste,
Atravez de relampagos e espumas,
A nova Anadyomene da Forma,
Dando-lhe apoz, por ideaes sybillas:
Duse e Sarah e Vitaliani e Sorma.

Louvado sejas tu, que assim superno,
Ao vesgo olhar das assombradas chusmas,
Cravas nos ceus as triumphaes pupillas
E os pés mergulhas nos clarões do Inferno;
Zarathustra do Drama, Belluario
Que a juba tenebrosa das procellas,
Donas ftaes do coração humano,
Agarras com o pulso do teu Verso
Para ao teu grito esbravejando vél-as
E atiral-as, num baque soberano,
A's taboas carunchosas de um scenario
Num turbilhão de lagrimas e estrellas!

Louvado sejas tu, na treva immerso
Pharol de jaspe erguido entre parceis,
Bardo bizarro, ardente, temerario,
Drapejado nas purpuras do Orgulho,
Zombando do Odio que te ferve aos pés,
Num impotente e lobrego barulho.

Louvado sejas tu, que, sempre occulto
Nas reconditas forjas do Ideal,
Longe da Vida e do seu vil tumulto,
— Mestre ferreiro genial do Estylo —
Tanges da Rima o malho de cristal
Sobre a bigorna olympica das Odes!

Louvado sejas tu, Genio que podes,
Desenrolando um magico vexillo,
Quando da Inspiração borbulha a lava,
Abrir de par em par as cem mil portas
Do palacio encantado das Chiméras.

Louvado sejas tu, cuja Alma escrava
E imperatriz dos Tropos e das Phrases,
A poeira dos Seculos agita,
E coroando a Morte de lilazes
Manda florir celestes primavéras
Nos areiaes das Babyliotas mortas.

Louvado sejas tu, que altivo trazes
Sobre a cabeça heril, tumultuosa,
Esse clarão que as multidões irrita,
Da Arte a galgar as ultimas espheras,

— Monetro sagrado da Palavra escripta
De azas de treva e garras côr de rosa!—

Louvido seas tu, Dominador,
De mãos de fogo e coração de asbesto,
A cuja nobre ilhaga illuminada
Estaca e freme a turba acorrentada
Pelas cadeias de ouro do teu Gesto.

Louvido seas tu, Mestre e Senhor
Das Trevas e da Luz, do Odio e do Amor,
Adorado Tyranno de Almas tantas,
Fogoso Semideus a cujas plantas
Accende a Inveja os fogareus vermelhos,
Ao ver-te a fonte acrocerania e augusta.
Turris eburnea pelo raio adusta;
E a cujo olhar, de gozo e de pavor,
Tambem as minhas Rimas de joelhos
E a minha Musa deslumbrada esbarra!

Louvido seas tu! E que, dos ceus
Tendo a amplidão suprema por proscenio,
Do Olvidio espedaçando os véus escuros,
Teu Nome, ao sol da Gloria irradiando,
Como uma aguia real, levando á garra
Do teu Orgulho os tragicos tropheus,
De gerações em gerações pousando,
Võe atravez dos seculos futuros,
Na apothose eterna do teu Genio!

Explicit Hymnus orpheus.

Bahia-Brasil

EGAS MONIZ.
(Imitação de Villars)

(Este Hymno Orphico foi traducção em verso italiano por Alberto Smeriglio de Turim.)

THEATROS

D. Maria — **D. Amélia**. — A lapide de Rosa Damasceno. Eduardo Brazão e o publico. O violinista Sergio Barincourt. **Gymnasio**. — *Os amores de um conselheiro*. *Sciencias exactas*. **Avenida**. — *Os dragões de Villars e Palmyra*. **Bastos**. **Trindade**. — *Rua dos Condes*. — **Principe Real**. — **Colyseu**.

Emquanto não abre **D. Maria**, em que o nome já primacia de Julio Dantas se destaca entre os que firmam as novas peças com que a empresa vaç regalar na futura época o paladar esthetico do seu publico, emquanto nos não visitam as muitas celebridades que durante dias vão fazer throno provisorio do palco de **D. Amélia**, entremos n'este elegantissimo theatro, subâmos ao foyer, e descubramos-nos cheios de recordação e de saudade ante a lapide commemorativa de Rosa Damasceno, que a empresa tão gentilmente e tão reconhecidamente mandou erigir ao lado d'aquellas que commemoram a presença da Duse, da Sarah Bernhardt e da Réjane. Bem evocativa é essa data de 15 de outubro de 1898, em que a mais adoravel actriz portugueza appareceu n'aquelle palco pela primeira vez ao lado de Taborda, o artista nacional.

Deante d'essa lapide desfiam na nossa saudade evocativa os papeis graciosos, ridentes, vivos como a natureza, inimitaveis como a perfeição, da sua abundante galeria. E as palavras tão nobres e tão justas, tão eloquentes na sua simplicidade, com que o visconde de S. Luiz Braga, ao descerrar a lapide, recordou, com a gratidão de quem soffre uma perda irremediavel, a passagem gloriosa da actriz pela scena que o seu talento engrandeceu, commoveram até ás lagrimas quantos as escutaram, e principalmente aquelle que foi o companheiro d'ella durante muitos annos, que partilhou os seus triumphos e completou com o affecto e a dedicação a sua vida de mulher e de artista...

Comtudo não se estancaram n'esse momento essas lagrimas, porque n'outro momento lh'as vimos ainda borbulhar: foi quando, ao reaparecer em scena, no seu papel da *Castellã*, o publico n'uma salva prolongada de palmas encontrou a mais persuasiva fórma de mostrar a Eduardo Brazão que o acompanhava na sua dôr, e se muito a recordava a ella que o deixara, muito lhe queria a elle que a perdera.

Mas, não deixemos o theatro **D. Amélia** sob uma impressão dolorida, e demoremo-nos uns minutos a escutar embevecidos o magico violino d'essa creança de 12 annos que se chama Sergio Barincourt, que é já uma esperança radiosa e deve ser que amanhã para o Brasil uma gloria, consagrada nos palcos da Europa.

Na execução do concerto em *re menor* de Vieuxtemps e no *andante cantabile* de Sgambati, o juvenil virtuosi elevou se a uma altura que só podem attingir os mestres, e d'ahi o enthusiasmo com que o publico celebrou essa precocidade deveras notavel.

Deu nos o **Gymnasio** duas novidades na quinzena finda: uma peça original em 4 actos e uma comedia traduzida e adaptada, em 1 acto. Firma a primeira, *Os amores de um conselheiro*, o sr. Tavares de Mello que já n'outros trabalhos d'este genero se tinha revelado, e a segunda, original de Vital Aga, é graciosa e livremente traduzida pelo sr. Leopoldo de Carvalho.

Os amores de um conselheiro tem um defeito inicial: o assumpto é restricto de mais para quatro actos, e, por muito que o auctor o puxe á feira, por mais que pretenda estical-o, sente-se o cansaço e o esforço, e esta pécha é irremediavel em toda a obra de arte. D'ahi o agrado incondicional do primeiro acto, em que o auctor está á von-

tade, em que typos e situações lhe caem das mãos, naturalmente, sem violencia.

Desenvolver a intriga á portugueza, com incidentes comicos e peripiecias desopilantes, fazer pura farça que toma aqui e alli, de passagem, ares graves de fina comedia, apresentar typos característicos que pela sua feição indigena provoquem a gargalhada do publico, e acabar por transformar tudo n'um embroglio indecifrável e comico, foi o fito unico que teve em vista o sr. Tavares de Mello, e attingiria de certo o seu desideratum se não alongasse demasiadamente o seu assumpto, se em situações fosse mais parco, e tivesse no desenho dos personagens a mão mais firme. Este e, de resto, o defeito quasi sempre inherente aos que começam. A sobriedade, a justa proporção, attingem-n'as exclusivamente aquellos, cuja vocação especial é coroadada pelo *saber de experiencias feito*.

Mas, e é o que não queremos occultar, através d'esses senões, resalta o valor, e sente-se que o moço auctor de *Os amores de um conselheiro* tem na sua individualidade, na espontaneidade e fluencia, e na manifesta disposição para a litteratura de theatro, materia prima para obra que ao publico agrade por completo e que mereça á critica applausos sem restricções.

Salientam-se no desempenho dos papeis duas figuras culminantes na galeria dos nossos actores comicos: o Valle e o Joaquim d'Almeida. O criado de que o primeiro tira abundantes effeitos de graça e o conselheiro em que o segundo põe toda a sua formidável *vis comica*, ficam sendo duas creações typicas. A seguir, dois papeis tambem superiormente representados: o de Jesuina e o de Cardoso, e outros ha que merecem ser citados como os de Jesuina Saraiva, Machado e Palmyra Torres.

Sciencias exactas é a comedia adaptada á scena, principalmente do Gymnasio, pelo mais antigo ensaiador portuguez, o sr. Leopoldo de Carvalho, que faz parte integrante do velho e sympathico theatro.

Sob a fórma de *charge*, e por vezes de caricatura, é afinal, um bello acto de observação, uma exposição de costumes que ao mais sorumbatico provocam o riso. E' impagavel de graça aquella scena em que o professor Silverio dá aos seus alumnos uma explicação de mathematica, e, mais ainda pela intensidade humoristica, a outra em que a menina prodigio, litterata e scientifica, deixa a lórpa da mãe embasbacada por tanta sciencia que ella nunca ouvira, por tanto palavrão technologico de que não entendia patavina.

Dizer que a Barbara, a Cardoso e Palmyra Torres estão confiados os melhores papeis da comedia é fazer ao desempenho o principal elogio, e é ainda completar a verdade accrescentar que os noveis artistas que n'ella tomaram parte accentuam a vocação para o theatro, á qual já, n'este logar, fizemos especial referencia.

Apesar de já terem cabelos brancos, de atravessarem os nossos palcos ha mais de vinte annos, apadrinhados pelo nome prestigioso de Jayme de Séguier, que na traducção dá realces ao original, não obstante terem recebido a chrisma no Brasil, e terem sempre com pseudonymos ou o nome de baptismo alcançado exitos crescentes, ora em Lisboa, ora no Porto, ora no Rio de Janeiro, ahi os temos de novo, esses bravos dragões, redivivos e remoçados pelo talento encantador e suggestivo de Palmyra Bastos.

Lá estivémos no **Avenida** n'essa elegante *répétition*, em que, a exemplo do que se usa em Paris, o sr. Sousa Bastos, amavelmente convidou e reuniu na sala do seu theatro quantos tem um nome nas artes, nas letras e no jornalismo.

E, o que é mais para se frisar, é que n'essa noite os *Dragões* deram a impressão de uma novidade *à sensation*. Os menos jovens dos espectadores não se esqueciam é certo d'essas noites da Trindade em que as enchentes colossaes se succediam e os artistas mais dilectos do publico recebiam em applausos constantes e calorosos a consagração do seu bello trabalho.

Mas, a opera comica de Louroy e Cornon tem um encanto tão especial, a propria ingenuidade de algumas situações apresenta um tal contraste com a excessiva *frescura* que caracteriza as modernas operetas em voga, estabelece uma tão pronunciada reacção contra o desbragamento e o abuso, que talvez por isso mesmo tem, a vinte annos de distancia, um exito similhante ao de então, podendo accrescentar, se quizessemos fazer estylo, que tiveram equal brilho aquella aurora e este occaso...

Operou este milagre — que assim se pode chamar por se tratar de theatro — mais que a formosa musica de Maillard, sempre escutada com delicia, mais que o bello trabalho scenographico, e a fórma luxuosa porque a opera comica está posta em scena, a admiravel creação que do papel de Rosa fez Palmyra Bastos.

A maneira porque ella canta os mais adoraveis trechos da partitura, a intenção com que sublinha, a delicada malicia com que frisa as passagens mais intencionaes do seu papel, o relevo, sempre proporcionado e harmonico que dá á figura que interpreta, ora cheia de graça, ora bella de generosidade e de altivez, todo esse magico desempenho, em summa, vem já agora enriquecer a galeria d'esta actriz singular, que passa com uma prodigiosa facilidade dos dominios da opereta para a alta comedia, que aborda com exito o campo emocional do drama, e que em tão variados talentos e manifestações conquista sempre com justiça os applausos que nunca o publico lhe regateia.

E como, por ora, os theatros nos não dão outras novidades, e na **Trindade** continúa a dar horas todas as noites o *Rologio magico* e na **Rua dos Condes** se ensaia a toda a força a opereta phantastica *Cem mil diamantes*, e no **Principe Real** a Revista todas as noites triumpho, e no **Colyseu** as enchentes se succedem e ainda se não desvaneceu a impressão de uma estreia como a do bilhar, já outra arranca applausos ao publico como a do hercules Leonel Strongfort, com a sua musculatura modelar e a sua força de Samsão, ponhâmos ponto aqui e aguardemos as novidades que em grande numero promettem aos seus publicos todos os theatros de Lisboa.